

# **Adriano imita Alexandre: o caminho inverso**

Hadrian imitates Alexander: the reverse path

Ettore Quaranta\*

## Resumo

---

Fatos da vida de Adriano, retirados de autores antigos como História Augusta de 117 a 284 a.D., nos levam a comparar a vida pessoal e a carreira do Imperador com a de Alexandre, ideal claramente seguido por Adriano. Somente aspectos da vida de Adriano abordaremos neste artigo, e não os de Alexandre.

Palavras-chave: Adriano – Alexandre – idealização – viagens - antoninos

## Abstract

---

Hadrian's life deeds from ancient authors as Historia Augusta (117-284 a.D.) bring to comparison of the personal life and the career of the Emperor with that of Alexander, ideal clearly followed by Hadrian. Only aspects of Hadrian's life will be aborded in this article – not of Alexander.

Key-words: Hadrian, Alexander, idealization, trips, antonines

---

\* Professor Doutor do Departamento de História da PUC-SP especialista em História da Antiguidade Clássica. Integrante do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade – NEHSC – da PUC-SP.

## Adriano imita Alexandre: o caminho inverso

O período dos Antoninos é marcado pela interferência do Estoicismo na concepção da Monarquia. Este período, que vai da ascensão de Nerva em 96 à morte de Cômodo em 192, claramente representa, grosso modo, uma tentativa segundo os ideais estoicos, de levar a Monarquia à sua verdadeira função filantrópica. Quando Nerva, tentando apagar as mais recentes lembranças dos excessos dos Cláudios e dos Flávios, se preocupa com a sorte dos pobres e faz distribuir imensas quantidades de trigo pelo menos à plebe da cidade de Roma e se preocupa, por meio de leis agrárias, em salvar o que resta da pequena propriedade em solo romano, faz com que o Estoicismo atue de forma muito mais eficiente na prática do poder do que nas dispersas tentativas das épocas anteriores. Essa preocupação humanitária estará presente, em graus variados, nos governos de todos os monarcas do período.<sup>1</sup>

Um pequeno texto de P. Anderson (ANDERSON, 1987, p. 72-73), lembrando Gibbon, apresenta a patricidade dos imperadores estoicos quanto ao bem estar dos súditos.

A unificação imperial que Alexandre sonhara outrora foi simbolicamente realizada na época de Adriano, o primeiro imperador a viajar por todo o seu domínio de ponto a ponto em pessoa. [...] as fronteiras asiáticas foram estendidas e consolidadas. [...] a nova *pax romana* foi seguida por uma onda vívida de rivalidade municipal e embelezamento urbano em virtualmente todas as províncias do Império... O período antonino talvez tenha sido o apogeu da construção de cidades na Antigüidade. [...] Esta foi uma idade de ouro para o Iluminismo, nas palavras de Gibbon: “o período da História do mundo durante o qual a condição da raça humana foi a mais feliz e próspera”. In “The Decline and Fall of the Roman Empire”, I, p. 78.

Não pretendemos aqui apresentar toda a problemática deste longo período que se estende por quase um século (96 – 192), mas especificar mais o final do governo de Trajano e o período de Adriano, quando as fronteiras do Império Romano deixaram de ser incertas e invisíveis – apesar das crises internas e problemas sem solução no Oriente parta e judaico (SIRAGO, 1976, p. 9-31).

O imenso apego dos imperadores à figura de Alexandre é visível em muitos aspectos, como na descrição das viagens de Adriano, que mais parecem um relato plutarquiano das

---

<sup>1</sup> Na verdade, a obra de Gibbon, de 1776, tem marcado a visão da época dos Antoninos. Segundo a Profa. M. L. Corassin In *A reforma agrária na Roma antiga*, p. 58-59, era prática comum em Roma a distribuição de trigo aos cidadãos desde a República, assim como nas cidades helenísticas. Cf. R. P. Longden, *Nerva and Trajan*, p. 213.

campanhas de Alexandre. Se não apresentam as batalhas e vitórias heróicas, essas descrições contêm toda uma simbologia que sublima a heroicidade nas construções, consagrações, festividades e presença física do imperador divinizado, que garante o bem estar dos súditos. Mesmo a guerra, quando há, é para a proteção dos limites contra a barbárie.

Embora vitorioso, Trajano não estruturou de forma definitiva, no mundo antigo, o predomínio exclusivo da cultura greco-romana, no final da guerra pártica, de 114 até sua morte no Oriente, em 117. Nesse momento, em que Adriano é governador da Síria (Vita, 4,6) algo chamou a atenção de Dio Cássio (LXVIII, 26, 29 e 30): a preocupação de Trajano com a memória de Alexandre, escrevendo, ao Senado, “fui mais longe que Alexandre”, depois de sacrificar no palácio em Babilônia onde morreu o macedônio e pretender, sem conseguir, pois não era mais jovem, continuar a rota do herói para a Índia. É um interessante momento, em que se ligam os ideais romanos frente aos de Alexandre.

Adriano nos lembra Alexandre nos aspectos descritos pelas fontes antigas <sup>2</sup>: tipo esbelto de olhos azuis, pele clara, cabelos mesclados de cinza, barba para esconder cicatrizes (nesse ponto diferente de Alexandre), tipo vivo, resistente ao frio e ao calor, cavaleiro excepcional sobre o seu amado cavalo Boristenes.

Lembra o Alexandre (Na. VII, 28) na simplicidade das roupas, no beber, no comer, e no convívio com todos, especialmente com os soldados.

O seu gosto pela intelectualidade, por cavalos e cães, pela indulgência aos mais fracos, pelo ódio mortal aos inimigos, reunia as maiores diferenças na sua natureza diversa: *semper in omnibus varius, multiplex, multiformis* (Vita, 14,11).

Esse tipo, que lembra as descrições do próprio Alexandre, nasceu na Ibéria, em Itálica, na família dos Aelius, que há muito estavam unidos aos Ulpius (a família Trajano). Órfão aos dez anos, foi tutelado por Trajano e C. Attianus e levado para ser educado em Roma por cinco anos. Depois dos 17 anos, tornou a partir para a capital, para iniciar o serviço militar.

Iniciou a carreira pública e, quando Trajano foi adotado por Nerva, Adriano foi designado para levar as congratulações do exército da Mésia para Trajano na Germânia Superior (Vita, 2,5), permanecendo como tribuno militar naquela região (RE, 497).

Por volta do ano 100, com vinte e quatro anos, casou-se com uma sobrinha-neta de Trajano, Vibia Sabina, e no ano seguinte recebeu a questura. Acompanhou o imperador às guerras da Dácia, quando recebeu condecorações militares. Tribuno da plebe em 105 e pretor

---

<sup>2</sup> A descrição de Iul. Caes. 311.D e da Vita 26,1 nos lembra a de Alexandre por Arriano e Plutarco.

em 106 (Vita, 3,8), suas nomeações no *cursus honorum* foram até 117 quando se tornou governador da Síria (Vita 4,6).

Por interferência da imperatriz, Plotina, e de C. Attianus, Trajano adotou Adriano em seu leito de morte – uma adoção que pode ter sido forjada (Vita, 4,8-10). Como aparece nas inscrições (RE, 499), o novo César assumiu o poder com o nome de Imp. Caes Traianus Hadrianus Augustus. Ao mesmo tempo que, do Oriente, transfere o corpo de Trajano, preocupou-se em estabelecer fronteiras na Armênia e com os partas. Ainda lá recebeu a notícia da execução, em Roma, dos quatro consulares que conspiravam contra ele (Vita 5,5 e 6: A. Nigrinus, L. Quietus, L. P. Celsus e C. Palma). Voltando a Roma, jurou inocência quanto a essas execuções, mandou purificar a cidade e demonstrou as melhores relações com o Senado. Ao povo, ofereceu espetáculos públicos, perdão de dívidas e grandes doações de trigos (Vita, 7,5). Fez consagrações a Trajano e à sua sogra (a velha Matidia), cuidou da administração e, depois de três anos em Roma, iniciou, de forma oficial, suas viagens.

As viagens de Adriano se iniciaram em 121, com preocupações bem militares, atestadas pela Vita 10,1, e em moedas. É certo que, em 121, ainda estava em Roma pelo menos no aniversário da cidade (DCCCXXIII *ab Urbe condita*, 121), quando colocou a pedra fundamental do tempo de Roma. Já com o título de procônsul, partiu para a Gália e continuou viagem para Raetia, Noricum e Germânia até o Danúbio. Na primavera do ano seguinte, partiu para a Britânia, quando se construía benfeitorias na região.<sup>3</sup> Foi para a Gália, onde, em Neumasus, construiu um templo à memória de Pompéia Plotina, viúva de Trajano, que havia morrido fazia pouco tempo.<sup>4</sup>

Cobrando de benfeitorias a sua cidade natal, Itálica, em 123, partiu para a Mauritânia, onde rapidamente apaziguou os distúrbios, e depois para a Ásia Menor, a fim de lutar contra ameaças dos partas, oportunidade em que demonstrou heroísmo guerreiro contra essa velha e perene ameaça a Roma.<sup>5</sup>

Na Ásia Menor, atingiu a Capadócia e depois a Bitínia – há o testemunho de moedas com a legenda “Capadocius” e também referências na vita (13,7). Foi o momento de Adriano

---

<sup>3</sup> O dique que recebeu seu nome, entre o Solway Frith e a foz do Tyne. Vita 11,2.

<sup>4</sup> É o mesmo momento em que destitui o historiador C. Suetonius Tranquillus, secretário do Pretório “por comportamento inconveniente para com a sua esposa Sabina”, Vita 11,3.

<sup>5</sup> Os romanos enfrentaram esse problema deste a guerra mitridática, em 88 a.C. Mais tarde foram batidos por Pompeu, mas destruíram as legiões de Crasso em 53, fato que nunca foi esquecido pelos romanos. Enfrentados por Júlio César, Marco Antônio e Augusto, tiveram sua capital, Ctesifonte, tomada por Trajano em 116. Com Adriano houve apenas acordos, com a queda do rei Parthamaspates. Cf. HILTBRUNER, O. “Kleines Lexicon der Antike”, p. 340.

atuar como *evergètes* para com os bitínios, principalmente com a cidade de Nicomédia, abalada havia pouco tempo por um terremoto devastador.<sup>6</sup>

Adriano deve ter permanecido um ano na Ásia Menor, conhecido Arriano em Nicomédia, seu querido Antínoo, em Bithynion (Claudiópolis, então), e Flégon, em Trales. Os três favoritos de toda a sua vida vieram da Ásia Menor.

Com o título “Restitutori Nicomediae” nas moedas (R.E. 506), erguendo monumentos e fundando cidades, como Adrianotera, na Mísia, apenas para lembrar uma feliz aventura de caça, no que lembra muito de perto aspectos biográficos de Alexandre, Adriano partiu, de Ílion para o Egeu, rumo à Grécia.

Adriano chegou a Atenas no inverno de 125, aproximadamente em setembro, pouco antes das grandes festas de Elêusis, quando recebeu consagração (Vita, 13,1). Permaneceu na bela capital até o verão de 126 e rumou para Delfos e Mantinéia, onde colocou sobre o túmulo de Epaminondas uma epígrafe preparada por ele mesmo, conforme informação de Pausânias (VIII, 11,8). No Peloponeso, ainda em 126, seguiu para a Sicília, onde logo subiu ao etna “para ver o pôr-do-sol” (Vita, 13,3). No final daquele ano, já estava em Roma.

As suas cartas para Stratonikéia (Adrianópolis) provam que, entre fevereiro e março de 127, ainda se encontrava em Roma. Em 21 de abril de 128, no aniversário de fundação da cidade de Roma, quando foi definitivamente inaugurado o templo Romae et Veneris, conforme o estudo das moedas (R.E., 508), recebeu o título de *Pater Patriae* e sua esposa, Sabina, o de Augusta. No verão, partiu para a África. Ainda que possamos precisar, com segurança, sua estada na Numídia por meio de inscrições que datam o seu discurso para as tropas exatamente de 7 de julho de 128, em Lambaese, não temos certeza se logo retornou a Roma ou se, da África, partiu diretamente para o Leste, pela segunda vez.

Novamente em Atenas, na época das grandes Eleusinas, foi pela segunda vez consagrado e ali permaneceu até março do ano seguinte, inaugurando as construções iniciadas em sua primeira estada e recebendo vários títulos honoríficos.

De Elêusis, seguiu para Éfeso, e de Éfeso para a Capadócia. Em junho de 129, provavelmente, convidou os reis do Leste para uma festa=reunião em Samosata.<sup>7</sup> Antes de partir para Palmira,<sup>8</sup> “subiu ao monte Cassios para ver o nascer do sol.” (Vita, 14,1,3).

Na primavera de 130, passou por Jerusalém e ordenou a reconstrução da cidade, abandonada e deserta havia sessenta anos. Iniciou uma série de benfeitorias em Gaza,

---

<sup>6</sup> IGR III, 1,6 citada, entre outras fontes, epigráficas, por H. Tonnet. “Recherches”, vol. II, p. 33.

<sup>7</sup> Momento em que, como prova de amizade, devolveu a filha do rei dos partas, Osroes, que fora levada como refém por Trajano. Mesmo assim o rei não aceitou o convite para o encontro. Cf. Vita 13,8.

<sup>8</sup> Inscrições de 130 e 131. Cf. R.E. Aelius, p. 510.

celebradas em moedas com “adventus”. Quando passou pela Arábia, a cidade de Petra recebeu o nome de Adriané Petra.

Chegou ao Egito em agosto de 130 e, em outubro, subiu o Nilo em companhia de sua esposa Sabina. Nessa ocasião, perdeu Antínoo de forma misteriosa, talvez em 30 de outubro.

Era grande a dor de Adriano. Permaneceu no Egito no ano seguinte. Há registros de uma caçada no deserto líbico quando matado um leão com as suas próprias mãos (Vita 26,3 e Ateneu XV, 667). Deixou o Egito no outono de 131. Partindo novamente para a Grécia, permaneceu em Atenas até o final do inverno, época em que morreu sua irmã, Domitila Paulina.

Procurou lembranças de Alexandre na Macedônia, assim como Trajano procurara na Babilônia. Incursionou pela Méssia, Dácia e Trácia, mas em 132 estava no Épiro: era o momento da visita a Nicópolis,<sup>9</sup> onde Arriano havia estudado com Epicteto entre 107 e 108.

Novamente em Atenas, Adriano recebeu um grande número de delegações de muitas cidades gregas que lhe ergueram colunas por toda parte, à maneira dos heróis antigos ou dos reis *evergètes*. Foi esse, talvez, o último momento de paz em relação às viagens, pois logo se iniciou a desgastante guerra dos judeus.<sup>10</sup>

O próprio Adriano partiu para a guerra com os pretorianos e escreveu ao Senado: “Eu e o Exército estamos bem”, segundo Dio (14,3). O legado da Britânia, Julius Severus, o melhor general de Adriano, foi enviado para a província.<sup>11</sup>

Adriano, em Roma, no ano de 136, recebeu consagrações do Senado. As moedas não registravam mais o nome de sua esposa, Sabina, que deve ter morrido nesse ano. Tomou conhecimento da invasão dos albaneses na Armênia – o que nos é relatado por Arriano na *Éktaxis*. Escolheu seu sucessor, L. Ceionius Commodus, com o nome de L. Aelius Caesar.<sup>12</sup>

Uma doença, que já se manifestava há dois anos, o obrigou, no início de 138, a deixar o governo e ir para Baiae, onde seu sofrimento terminou em junho do mesmo ano.<sup>13</sup> O corpo

---

<sup>9</sup> R.E., citando as moedas estudadas por J. Durr 56, 294, p. 512.

<sup>10</sup> Que deveria durar quase quatro anos em forma de guerrilhas a partir de cavernas e fortalezas e tomada de Jerusalém sob a chefia de um tal Barkocheba, o filho de Estrela. As informações de Dio e Eusébio nos mostram a seriedade de um conflito em que, pela primeira vez, os romanos perceberam o envolvimento de toda a comunidade judaica internacional na ajuda aos revoltosos. Depois do massacre de milhares de pessoas, nos dois lados, o triunfo coube a Julius Severus, em 132.

<sup>11</sup> Pacificada, a província tornou-se, consular, com duas legiões, a *legio X Fretensis* e a *legio VI Ferrata*. Jerusalém foi reconstruída com o nome de Aelia Capitolina, onde, sob pena de morte, os judeus não podiam nem entrar, nem olhar de longe.

<sup>12</sup> Esse, segundo Vita (23,16), morreria logo, de um fluxo sanguíneo. Adriano, que mandara executar um cunhado e seu neto, que não concordavam com tal escolha, optou por T.A.F.B. Arrius Antoninus e o sucessor deste, Marco Aurélio.

<sup>13</sup> A Vita registra suas tentativas de suicídio e de se deixar matar. (24,12-13)

foi levado para a vila de Cícero em Puteoli, e depois para os Jardins de Domitia, em Roma, onde recebeu consagração no mausoléu, em 139.

A época de Adriano é um “segundo momento forte” na valorização do mito de Alexandre; a de Augusto havia sido o primeiro. O mesmo quadro heteróclito da época de Augusto, em relação ao mito e suas influências, vindas do Oriente, se apresenta na época dos Antoninos, mas este segundo momento está mais marcado por superstições e diversidades de cultos.

A época de Adriano é de extrema religiosidade, influenciada especialmente pelos cultos orientais.<sup>14</sup> De forma geral, os cultos orientais se emparelham com a religião greco-romana e suas tradições, mas entre eles há grande diversidade: há os que se afastam completamente das tradições militaristas e sacrificiais do paganismo, e para estes, o mito de Alexandre nada representa.<sup>15</sup>

Concluimos que Adriano imita Alexandre nas inúmeras viagens que fizera movido pelas curiosidades em relação ao Império e para definir as fronteiras pela primeira vez na história de Roma. É claro que, em sentido inverso ao do Macedônio, apenas em sentido pacífico e em guerras de defesa. E acaba por desistir até mesmo dessas investidas do exército romano para garantir a Pax, isto após os desgastes na Judéia (SIRAGO, 1974, p. 30-31). Fecha-se em Tivoli, doente, cercado de memórias e do que de mais belo vira nas províncias, principalmente obras helênicas.

Adriano nunca aceitara limitações humanas, nunca teve a simplicidade de Trajano que andava a pé por Roma. Construiu seu mausoléu como o de um rei divino, ao gosto oriental, aquele mesmo que absorvera Alexandre e o levava a exigir o reconhecimento divino pelos súditos.

Não era nenhuma novidade tal aparato religioso que sacralizava o poder político do imperador. Um texto de A. Piganiol (PIGANIOL, 1962, p. 319-320) nos descreve este cerimonial que foi mantido e aumentado no tempo de Adriano:

*La tradition des souverains hellénistiques s’impose aux empereurs avec une force croissante. Ils s’entourent de comitês et d’amici entre lesquels ils établissent une hiérarchie. Le feu porté devant eux doit avoir été emprunté*

---

<sup>14</sup> Principalmente o de Mitra, que se espalhou de forma geral pelos quartis e visava fins práticos. O mesmo se pode dizer sobre o de Isis, cuja grande importância é atestada por Apuleio, no seus “Asinus Aureus”. O de Átis e Cibele, embora já muito antigos, desde a segunda guerra púnica, nunca obtiveram a total aceitação em Roma, possivelmente devido à prática da castração. Cf. V.A. Sirago, “I culti orientali” In “Involuzione politica e spirituale nell’impero del II secolo.” Vide Bibliografia.

<sup>15</sup> O cristianismo surge em todos os níveis sociais: se Márcia, a imperatriz de Cômodo, é cristã, e muitos membros da Nobilitas aceitaram a “praótes kai epieikeía”, como Paulo prega aos coríntios, II, X.1, Adriano não se entusiasma com o Cristianismo, talvez por colocar em primeiro plano o culto de Antínoo. É a bitínia de Arriano um dos focos de Cristianismo, atestada pelas cartas de Plínio a Trajano, Ep. X, 97.

au cérémonial des Séleucides, qui l'auront emprunté aux Perses. Jé suppose qu'ils confient au préfet di prétoire et qui symbolise leur droit de vie et de mort. On prie "pro salute et victoria imperatoris", exactment comme on souhaitait, par exemple, que Serapis et Isis donnassent à Ptolémée Philopator "níkes krátos tês oikouménés páses."

A divinização oficializada do imperador se apóia no mito de Alexandre, que segue as linhas da época de Augusto e dos cultos orientais, que invadiram Roma, mas mais do que tudo, na admiração que o Imperador tinha pela Grécia (PIGANIOL, 1962, p. 292).



## Bibliografia

---

ANDERSON, P. “Passagens da antigüidade ao feudalismo”. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BURY, J.B. “The Cambridge Ancient History”. Cambridge: University Press, 1960.

CORASSIN, M.L. “A reforma agrária na Roma Antiga”. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GIARDINA, A. (dir.). “O homem romano”. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

GRIMAL, P.A. “A civilização romana”. Lisboa: Ed. 70, 1999.

HILTBRUNER, O. “Historie de Rome”. Paris: PUF, 1962.

PAULYS REALENCYCLOPADIE DER CLASSISCHEN ALTERTUMS  
WISSENSCHAFT. Stuttgart: J.B. Metzler, 1893.

VEINE, P. “L’Empire Gréco-Romain”. Paris: PUF, 2006.

SIRAGO, V.A. “Involuzione politica e spirituale nell’impero del II secolo. Napoli: Liguori Editore, 1974.